



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

SUJEITO E CURRÍCULO NA PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURAL: SENTIDOS EM DISPUTA

Priscila Rusalina Medeiros de Oliveira¹

Adriana Schneider Muller Konzen²

Rosinilva Maciel Farias³

Jean Mac Cole Tavares Santos⁴

RESUMO

A formação do sujeito é um processo contínuo e dinâmico, marcado pela prática discursiva e por contextos sociais e históricos. O presente texto se situa nos trabalhos desenvolvidos no grupo de Pesquisa Contexto e Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O objetivo do trabalho consiste em refletir sobre o processo de significação do sujeito e do papel do currículo na constituição do sujeito democrático, reflexivo e crítico. Para as reflexões, utilizamos como aporte teórico a perspectiva pós-estruturalista⁵, por compreendê-la como desafiadora das noções tradicionais fixas e essencialistas. Compreendemos que a formação do sujeito é um processo dinâmico, complexo, onde diferentes demandas atuam, articulam-se, incidem, na construção das identidades e subjetividades. A escola desempenha um papel relevante nesse processo, influenciando diversos aspectos do desenvolvimento individual, social e intelectual dos sujeitos. E o currículo é entendido como espaço de formação e negociação das identidades.

Palavras-chave: Sujeito, Currículo, Sentidos.

INTRODUÇÃO

A formação do sujeito é um processo complexo e multifacetado que envolve a incidência de diversas influências como: biológicas, sociais, psicológicas e culturais, ao longo de sua existência. É relevante perceber que esses fatores não ocorrem de forma isolada, eles coexistem, interagem e hibridizam em um processo complexo ao longo do tempo.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em parceria com a Universidade Federal Rural do Semi-Árido e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Bolsista do CNPQ.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em parceria com a Universidade Federal Rural do Semi-Árido e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Servidora da Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em parceria com a Universidade Federal Rural do Semi-Árido e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Servidora da Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

⁴ Professor Doutor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino da UERN/UFERSA/IFRN.

⁵ Pós-estruturalismo é um termo para formas filosóficas, teóricas e literárias de teoria que tanto constroem quanto rejeitam ideias estabelecidas pelo estruturalismo.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE TEÓRICOS E ABORDAGENS

Diversas teorias e abordagens refletem sobre a temática e enfatizam diferentes aspectos desse processo. Nesse texto, utilizaremos como aporte teórico a perspectiva pós-estruturalista, por compreendê-la como desafiadora das noções tradicionais de sujeito unitário e estável. Para tanto realizamos uma pesquisa bibliográfica considerando autores que abordam a temática num prisma descentrado.

Pretendemos com este escrito refletir sobre o processo de significação do sujeito e do papel currículo nessa constituição do sujeito democrático, reflexivo e crítico. Os sujeitos, inacabados, a quem sempre falta algo, constroem-se em processos temporários e contingentes, de significação e em relações sociais. A sua formação é, portanto, um processo dinâmico, complexo, onde diferentes demandas atuam, articulam-se, incidem, na construção das identidades e subjetividades. Nesse ínterim, a escola desempenha um papel relevante nesse processo, influenciando diversos aspectos do desenvolvimento individual, social e intelectual dos sujeitos.

METODOLOGIA

O presente texto é um recorte de pesquisa que está sendo desenvolvida no curso de mestrado em ensino, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/ Universidade Federal Rural do Semi Árido/ Instituto Federal do Rio Grande do Norte, bem como dos trabalhos do Grupo de Pesquisa Contexto e Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória com método procedimental de natureza bibliográfica com base teórica de fontes secundárias. Para sua realização, abordamos a formação do sujeito, a escola e o currículo, por meio de um prisma descentrado, que questiona a abordagem tradicional do currículo, como forma fixa e estabelecida de conteúdo a ser ministrado. A teoria pós-estruturalista compreende a formação do sujeito na escola, enfatizando a abstrusidade, a fluidez e a natureza contextual da identidade e do conhecimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

No pós-estruturalismo a formação do sujeito é compreendida como uma construção social e discursiva complexa, sujeita a multiplicidade, contingências e resistências. Numa sociedade ainda marcada pela necessidade de fixações de nomenclaturas que caibam em todos os espaços, a abordagem descentrada possibilita ver o sujeito em um prisma fluido e



XXII ENCONTRO DE CURRÍCULO E DIDÁTICA

construído por meio de uma variedade de discursos e práticas. Lopes e Macedo (2011, p. 229) afirmam, fundamentadas na abordagem de Laclau e Mouffe, a impossibilidade do determinismo das identidades diante de estruturas descentradas, “o social, como estrutura aberta, permite aos sujeitos um conjunto infinito e não direcionado de identificações e é isso que temos entendido como sujeito descentrado”.

Assim sendo, as contingências e a indeterminação, por serem marcas do social, são também marcas do sujeito e da identidade. Não há como pensar formação do sujeito sem considerar o social e a linguagem, o primeiro por entender que o sujeito é construído a partir das relações entre o eu e a sociedade, o segundo por compreender que os discursos são sistemas de significação que moldam a compreensão que os sujeitos têm de si e do mundo ao redor.

Assim, para Hall (2006) a constituição identitária ocorre mediante processos de articulações entre sujeitos, discursos, valores, sentidos, símbolos e culturas. Essas articulações vão constituindo as identidades, ao passo que ocorrem as internalizações dos valores e significados do social. Desta forma, é perceptível o caráter móvel desse processo, marcado por relações de movimentos, de rupturas, de deslocamentos, de aproximações e fragmentações. Hall (2006, p. 12, grifo do autor) assim descreve: “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Esses sistemas sociais não são estáticos, estão em constante deslocamento, hibridizam-se, constroem novas demandas e o sujeito, como parte nesse processo articulatório, também se constitui por movimentos de reivindicações à ordem estabelecida. A esse respeito pontuam Lopes e Macedo (2011, p. 229): “As demandas borbulham de forma desordenada como possibilidades não sendo apresentadas por nenhum sujeito previamente constituído”. Assim sendo, o processo de identificação do sujeito acontece conforme surgem as demandas, elas ganham força e centralidade, aproximando identidades para atender a determinada demanda.

Compreendemos, nesse sentido, que o currículo fixo e fixado conforme a leitura tradicional, engessa e precariza o processo de identificação do sujeito, do seu lugar no mundo. Conforme Lopes e Macedo, baseadas em Laclau e Mouffe (2011, p. 231) “[...] só há sujeito quando há decisão, de modo que a possibilidade de surgimento do Outro no currículo está ligada à sua transformação em espaço em que os indivíduos se tornem sujeitos por meio de atos de criação”. Sendo assim, o currículo pode ser entendido como processo de produção de sentidos e espaço incessante de enunciação, assim como o processo de construção do sujeito.



Considerando as reflexões de Lopes (2015) percebemos que a defesa de um currículo sem o estabelecimento de princípios e regras absolutas, coaduna com a ideia de sujeito enquanto ser inacabado e em constante construção de sentidos e significações.

[...] o currículo é, ele mesmo, uma prática discursiva. Isso significa que ele é uma prática de poder, mas também uma prática de significação, de atribuição de sentidos. Ele constrói a realidade, nos governa, constringe nosso comportamento, projeta nossa identidade, tudo isso produzindo sentidos (Lopes; Macedo, 2011, p. 41).

Assumir uma postura não centrada, é entender que não há como determinar o que se aprende em sala de aula. O hibridismo curricular (Lopes, 2015), perpassa as salas de aula, os alunos não abandonam a sociedade quando entram em sala, suas vivências e culturas diversas proporcionam discussões e perspectivas nas quais as ‘certezas’ são postas em questionamento. Muito embora constantemente a sociedade estabeleça parâmetros e fixações, embasados nas reflexões de Laclau (2011) compreendemos a sociedade em sua natureza plural e fragmentada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A centralidade das demandas são processos articulatórios, provisórios e discursivos, assim como são as fixações identitárias. Nessa perspectiva, Hall (2006) destaca a multiplicidade das identidades, em constante deslocamento que em determinadas circunstâncias se cruzam e mudam a depender da situação. “A identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (Hall, 2006, p. 75).

Em meio a todo esse processo, compreendemos que as identidades também são forjadas discursivamente, baseados na teoria do discurso de Laclau, entendemos que as práticas discursivas, incluindo os discursos políticos e sociais, desempenham um papel fundamental na formação das identidades individuais e coletivas. O discurso é um terreno de luta política, onde diferentes forças digladiam-se pela significação, “discurso é uma totalidade relacional de significantes que limitam a significação de determinadas práticas e, quando articulados hegemonicamente, constitui uma formação discursiva.” (Lopes; Macedo, 2011, p. 252)

Entender as múltiplas determinações de um fenômeno social, seja ele a formação do sujeito, é entender que tudo é significação e “essa significação é dada por um discurso que estabelece regras de produção de sentido” (Lopes; Macedo, 2011, p. 252). Entretanto, embora



XXII ENCONTRO NACIONAL DE CURRÍCULO

baixa imposição, também ocorre um processo de resistência, a tentativa de imposição de um discurso não cessa o movimento das diferenças, das novas significações imprevisíveis.

Se compreendemos a construção do sujeito como processo heterogêneo, marcado pela subjetividade, por relações sociais e discursivas, como apartar o currículo dessa perspectiva e pensá-lo de forma estática, uniforme e inflexível? O currículo pensado também como forma de significação, em contraposição a ideia de currículo como expressão do instituído, visa impedir que tais instituições, homogeneizantes e hegemônicas se fortaleçam de forma a impossibilitar questionamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando significamos o mundo, estamos dando nossa versão sobre ele, entretanto, esses significados são moduláveis, arranjos, conexões e interpretações sobre os quais não temos qualquer controle. Coadunamos com a perspectiva pós-estrutural no entendimento de que essa significação contingente é fruto de articulações momentâneas determinadas por interesses coincidentes, os sujeitos, baseando-se em negociações, estabelecem centros provisórios de significação.

Compreendemos que o currículo também deve ser percebido no campo da discursividade e do estabelecimento provisório de significação. Ele deve ser entendido como espaço onde as identidades são formadas e negociadas, indo em contramão a perspectiva que o enxerga como mero meio de transmissão de informações objetivas. Isso implica em reconhecer as experiências individuais, as relações de poder e as subjetividades na construção do que vem a ser currículo.

REFERÊNCIAS

- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LACLAU, Ernesto. Emancipação e diferença. **Rio de Janeiro: EdUERJ**, v. 222, 2011.
- LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011, Apoio Faperj.
- LOPES, Alice Casimiro. Por um currículo sem fundamentos. **Linhas críticas**, v. 21, n. 45, p. 445-466, 2015.